

# O BULLYING ESCOLAR SOB A ÓTICA DE PROFESSORES E ALUNOS<sup>1</sup>

## SCHOOL BULLYING THE PERSPECTIVE TEACHERS AND STUDENTS

Fernanda Silva Maekava<sup>2</sup>

Michela de Andrade<sup>3</sup>

Vera Lúcia Messias Fialho Capellini<sup>4</sup>

### RESUMO

O *bullying* é um fenômeno mundial que atinge, principalmente, crianças entre 10 a 15 anos, sendo caracterizado por agressões físicas ou verbais, e pode ocorrer em diversos locais, na escola, na família, no trabalho e até mesmo no ambiente virtual. Muitos pais e profissionais da Educação desconhecem ou escondem tal problemática. Assim, o objetivo deste estudo foi verificar como ocorrem os episódios de *bullying* sob a ótica de professores e alunos. A coleta de dados foi realizada em duas escolas, uma pública e outra particular, da cidade de Bauru/SP, por meio de questionários semiestruturados. Participaram da pesquisa 23 professores e 44 alunos do Ensino Fundamental. Verificou-se que a maioria dos professores (83,5) conhece ou já ouviu falar sobre *bullying* e que presenciaram vários episódios envolvendo agressões verbais e/ou físicas. Parcela significativa de alunos de ambas as escolas (86%) também conhece ou já ouviu falar e/ou sofreu *bullying*. Os dados apontam que o *bullying* ocorre mais frequentemente no pátio da escola e os agressores, em sua maioria, são grupos de meninos. Este fenômeno somente poderá ser minimizado ou evitado, quando os profissionais da educação, saúde, segurança e pais unirem suas forças, orientando os alunos no sentido de incentivarem a construção de um ambiente de cooperação, no qual as pessoas respeitem as diferenças físicas, raciais, de idade, sexuais, religiosas, culturais, dentre outras.

**Palavras-chave:** *Bullying* escolar. Educação. Comportamentos agressivos.

1 Este estudo é parte do trabalho de conclusão de curso intitulado *Bullying: concepções dos atores envolvidos*, da segunda autora, sob orientação da última e contou com a colaboração da primeira autora na compilação dos dados para construção do artigo científico.

2 Doutoranda em Educação Especial. UNESP, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, Brasil. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela UNESP - Bauru. E-mail: fermeninasilva@hotmail.com

3 Pedagoga. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP, Brasil. E-mail: mi\_andrade00@yahoo.com.br

4 Professora Adjunta. Departamento de Educação da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP, Brasil. E-mail: vlmfcapellini@gmail.com

## ABSTRACT

Bullying is a worldwide phenomenon that affects mainly children aged 10 to 15 years, characterized by physical or verbal abuse, and can occur in different places, at school, in the family, at work and even in the virtual environment. Many parents and education professionals ignore or hide such problems. The objective of this study was to determine how the episodes of *bullying* occur from the perspective of teachers and students. Data collection was conducted in two schools, one public and one private, the city of Bauru / SP, through semi-structured questionnaires. The participants were 23 teachers and 44 elementary school students. It was found that most teachers know or have heard about *bullying* and witnessed several episodes involving verbal and / or physical abuse. A significant portion of both school students also know or have heard and / or bullied. The data indicate that *bullying* occurs most often in the school yard and the attackers, most are boys groups. This phenomenon can only be minimized or avoided when the professionals of education, health, safety and parents join forces, guiding the students in order to encourage the construction of a cooperative environment where people respect the physical, racial , age, sexual, religious, cultural, among others.

**Keywords:** School bullying. Education. Aggressive behavior.

## INTRODUÇÃO

É inquestionável a importância de um ambiente escolar que favoreça a convivência harmoniosa entre os seus integrantes, seja para a promoção da aprendizagem em sala de aula, seja para a formação do educando de modo geral. Entretanto, a qualidade deste convívio vem sendo ainda mais questionada, haja vista os episódios de violência que têm ocorrido com maior frequência nas escolas do mundo todo.

Mesmo que a violência nas escolas ainda não se expresse em grandes números, e embora não seja no ambiente escolar que acontecem os eventos mais violentos da sociedade, ainda assim, as ocorrências neste espaço são preocupantes tanto pelos traumas que podem gerar aos atores, partícipes e testemunhas, como pela ruptura da ideia da escola como um lugar de conhecimento, de formação do ser e de educação.

A palavra *bullying*, de origem inglesa, significa valentão ou briguento. Esse termo foi adotado também no Brasil para caracterizar atos repetitivos de violência física e/ou psicológica de maneira intencional com o objetivo de intimidar ou agredir um indivíduo

ou grupo de indivíduos e que acontece sempre numa relação de desequilíbrio de poder, onde as vítimas são incapazes de se defender. Calhau (2010) o define como abuso, intimidação e vitimação, desde que ocorra sem motivação e de forma repetitiva.

Santos (2009) descreve o *bullying* como uma epidemia invisível, onde as atitudes (ex: “brincadeiras” e apelidos) se mostram aparentemente desprezíveis, mas magoam profundamente o ser humano, deixando marcas tais como desmoralização e até mesmo perda da dignidade. Podem, inclusive, impedir o desenvolvimento saudável da autoestima e a construção da identidade do indivíduo.

Nos anos 80, o pesquisador norueguês Dan Olweus intensificou seus estudos sobre *bullying* após três estudantes noruegueses, com idade entre 10 e 14 anos, terem se suicidado como resultado de assédio de seus pares. Olweus reuniu cerca de 84 mil estudantes, 400 professores e 1000 pais de alunos. Os resultados apontaram que um em cada sete alunos; encontrava-se envolvido em casos de *bullying*, seja como agressor ou vítima. Ao término da pesquisa, a sociedade foi mobilizada a iniciar uma campanha nacional contra o *bullying*. O programa, que recebeu o apoio do governo da Noruega, conseguiu reduzir a ocorrência dos casos de *bullying* escolar em 50% e incentivou países como Inglaterra, Canadá e Portugal a adotarem práticas semelhantes (OLWEUS, 2006).

O surgimento deste fenômeno nas escolas, com uma crescente generalização, tornou-o um problema mundial. Seu crescimento preocupa cada vez mais e está atingindo faixas etárias inferiores, relativas aos primeiros anos de escolaridade. Estima-se que em torno de 5% a 35% de crianças em idade escolar estão envolvidas, de alguma forma, em atos de agressividade e de violência na escola (FANTE, 2011).

Existem casos que as crianças fazem brincadeiras inofensivas e se utilizam de palavras e de comportamentos não adequados durante suas brincadeiras, e isto nem sempre pode ser caracterizado como *bullying*. Avaliar e observar a intensidade e o significado dessas atitudes são cruciais para a possível eliminação de tais comportamentos.

Esperon (2004) afirma que para configurar o *bullying* deve haver o desejo de machucar e agredir; desequilíbrio de força e poder; repetitividade e prazer em ver o outro sofrer. Segundo Fante (2011), o *bullying* não se trata de um episódio esporádico ou de brincadeiras

próprias de crianças; é um fenômeno violento que se dá em todas as escolas, e que propicia uma vida de sofrimento para alguns e de conformismo para outros.

Nansel et al. (2004) realizaram pesquisa envolvendo 113.200 estudantes de 25 países e observaram grandes variações. Por exemplo, na Suécia o número de envolvidos apurado foi de 9%; em contrapartida na Lituânia, chegou a 54%. Na média internacional, concluíram que 11% eram vítimas, 10% eram agressores e 6% encontravam-se no papel duplo de agressor e vítima.

Na Cidade do Cabo e Durban, África do Sul, Liang, Flisher e Lombard (2007), realizaram pesquisa com cerca de 5 mil adolescentes escolares com idade entre 14 e 17 anos de 72 escolas públicas. Os estudantes responderam questionários de autorrelato sobre a participação em atos de *bullying*, comportamentos antissociais e de risco. Os resultados apontaram que 36,3% dos alunos envolveram-se em atos de *bullying*, ou como vítimas, vítimas agressoras ou agressoras. O estudo também revelou que jovens do sexo masculino são mais suscetíveis a manter de atos violência e vitimação e geralmente agredem meninos mais novos.

A prática de *bullying* nem sempre é igual para meninos e meninas. A maior frequência entre os meninos é de forma direta, com o uso de violência física ou ameaças e com as meninas o *bullying* ocorre mais em sua forma indireta, com agressões verbais e difamações. Os garotos agem de forma mais explícita. É mais comum vê-los se enfrentando ou tirando sarro de alguém na frente de todo mundo. As garotas são mais dissimuladas, dão apelidos, difamam ou fazem fofoca (BALDRY e FARRINGTON, 2000; LOPES NETO, 2005; SAÚDE, 2011; BANDEIRA e HUTZ, 2012; MELIM e PEREIRA, 2013).

Martins (2009) realizou um estudo com 572 adolescentes portugueses com idade média de 14 anos e constatou que os meninos, se envolvem mais em atritos e justificam que a agressão é uma maneira de resolver esses conflitos. Os garotos são mais agressivos e mais vítimas do que as meninas; e garotas geralmente se envolvem em agressões indiretas. Ainda em Portugal, os pesquisadores Melim e Pereira (2013), no estudo com 1.818 alunos de 10 a 18 anos, observaram que meninos sofrem mais o *bullying* direto, envolvendo-se em agressões físicas e roubo de objetos e meninas envolvem-se mais em fofocas e são ignoradas pelos pares.

Sobre a violência verbal, ambos se queixam, porém, as meninas sofrem mais.

Ainda sobre o tipo de *bullying* sofrido por meninos e meninas, Silva (2015) em seu estudo envolvendo 309 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; do interior do estado de São Paulo, constatou que o *bullying* verbal, também chamado de indireto, envolvendo fofocas, ofensas e apelidos foi o mais sofrido pela população estudada, pois 92% das meninas e 84% dos meninos disseram ter sofrido esse tipo de violência.

Os episódios de *bullying* podem ocorrer em diversos locais da escola, dependendo da estrutura e da supervisão da equipe escolar. Lopes Neto (2005), na direção da ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), liderou pesquisa realizada no estado do Rio de Janeiro, a qual contou com a participação de 5.500 alunos, o resultado foi que 60% dos alunos afirmaram que casos de *bullying* ocorreram em sala de aula.

Em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Silva (2006) realizou pesquisa com 55 alunos entre 10 e 17 anos, de 5ª a 8ª série. O recreio e a sala de aula foram os locais mais apontados para ocorrência de diferentes formas de agressão, com 23,63% de relatos cada um. Munarin (2007) realizou pesquisa com professores na qual 42% dos participantes, relatou que os episódios ocorrem em sala de aula e 42% disseram ser no recreio; os outros 16% afirmaram ocorrer nos dois locais.

Outra pesquisa realizada no Brasil, com 5.168 alunos de 5ª a 8ª série de todas as regiões do país, revelou que 28% dos alunos pesquisados foram vítimas de *bullying* em 2009, e que os locais mais frequentes são na sala de aula, seguido do pátio (FISHER, 2010).

Os atos de *bullying* não se deixam confundir com outras formas de violência por apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, a propriedade de causar "traumas" ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. É uma violência oculta, com comportamentos repetitivos durante um longo período contra a mesma vítima; apresenta uma relação de desequilíbrio de poder, que intimidam a vítima; ocorrem sem motivos evidentes e são comportamentos danosos. Os resultados dessa violência podem causar desinteresse pelos estudos, depressão ou até mesmo reações extremamente violentas.

O *bullying* ainda pode ser reconhecido em vários contextos: nas escolas, nas famílias, nos condomínios residenciais, nos clubes, nos

locais de trabalho, nos asilos de idosos, nas Forças Armadas, nas prisões, enfim, onde existem relações interpessoais. Até na Internet ele se encontra, caso do *ciberbullying* que ocorre num ambiente irrestrito: redes sociais, mensagens de celular ou e-mail ou qualquer novidade cibernética. Neste estudo, o foco será apenas relacionado aos episódios que ocorrem no ambiente escolar.

Fante (2011), afirma que os familiares e os profissionais da educação não conseguem identificar facilmente esta forma de violência, uma vez que a "vítima" tem receio em denunciar os seus agressores, por medo de sofrer represálias e por vergonha de admitir que esteja apanhando ou passando por situações humilhantes na escola ou, ainda, por acreditar que não lhe dará o devido crédito. Sua revelação ecoaria como uma confissão de fraqueza ou impotência de defesa. Os "agressores" se valem da "lei do silêncio" e do terror que impõem às suas "vítimas", bem como do receio dos "espectadores", que temem se transformarem na "próxima vítima".

No estudo de Esperon (2004), que contou com a participação de 124 alunos, alguns sintomas comuns em vítimas de *bullying*; destacaram-se, tais como: irritabilidade, alterações de humor, cefaleia, dor abdominal e pressão alta. Silva (2010), pesquisadora e médica psiquiatra, relata atender crianças e adolescentes com sintomas psicossomáticos, tais como transtornos (pânico, ansiedade generalizada, ansiedade social, obsessivo-compulsivo), fobia escolar, depressão, bulimia, anorexia, dentre outros que podem ser decorrentes de traumas deixados por terem vivenciados episódios de *bullying*.

Os professores devem tomar muito cuidado, pois podem se converter em agressores ao tentar manter controle sobre a classe, corrigir comportamentos e depreciar alunos diante de seus colegas. Fante (2011) aponta que muitos professores, ao se referirem a alguns de seus alunos, chamam-nos por apelidos tais como Cascão, Tampinha, Fantasma, Lunático, Esquisito, Buraldo (às vezes atribuídos por eles), causando constrangimento e fomentando a vitimização desses alunos.

O agressor normalmente é mais forte que seus companheiros de classe e que suas vítimas. Pode ter a mesma idade ou ser pouco mais velho e geralmente se sobressai nos esportes e nas brigas, sobretudo no caso dos meninos. Apresenta um comportamento de intimidação e provocador permanente, acha que todos devem

atender seus desejos de imediato, sente necessidade de dominar e subjugar os outros. É impulsivo, irrita-se facilmente, não aceita ser contrariado, tem dificuldade de relacionamentos, adota condutas antissociais, é atraído por más companhias. Seu rendimento escolar, nas séries iniciais, pode ser normal ou estar acima da média; nas demais séries, podem obter notas mais baixas e desenvolver atitudes negativas para com a escola (PATTERSON et al, 2002; LOPES NETO e SAAVEDRA, 2004; FANTE, 2011).

Aos agressores, o futuro e a vida não são diferentes dos das vítimas. Estudos apontam para uma vida agitada, pensamentos de medo dos próximos episódios não serem bem sucedidos e perderem a "popularidade" (BINSFELD; LISBOA, 2010).

O espectador ou testemunha é aquele aluno que vê diariamente as situações de *bullying* e torna-se inseguro e temeroso. Adota a lei do silêncio por receio de tornar-se também um alvo ou por ter sido ignorado pelos adultos nas tentativas que fez de comentar certos fatos. Como seu direito de aprender em um ambiente seguro e solidário foi violado, pode influenciar sua capacidade e progresso acadêmico e social (FANTE, 2011).

Fante (2011) pontua que:

um relacionamento marcado pela falta de afetividade positiva e pelos maus-tratos físicos ou verbais influenciará o indivíduo, determinando seu desempenho social e sua capacidade de adaptação às normas de convivência, bem como sua habilidade de integração social. Portanto, as raízes do comportamento agressivo estão fincadas na infância, sendo o modelo de identificação familiar o elemento fundamental para a sua compreensão (p.175).

Uma premissa fundamental para a compreensão do comportamento agressivo das crianças, portanto, é que não é possível se explicar uma determinada conduta isolando-a do meio em que ela se manifesta. Isso é ainda mais verdadeiro quando tratamos de crianças, pois sua conduta depende ainda mais do meio do que a do adulto.

Por isso, foi importante também verificar se o professor percebe as ações de violência na escola. Campos e Jorge (2010) em sua pesquisa, contaram com 107 educadores do Rio Grande do Norte. Dentre os objetivos, investigaram o grau de informação de

educadores do ensino médio a respeito do *bullying* e a percepção deles referentes ao problema no interior das instituições onde atuam e quais métodos são adotados quando constatam o problema na escola. Obtiveram como resultado que 83% deles já ouviu falar em *bullying*, 97,03% relataram que há necessidade de prevenção e 73,27% já foram chamados para ajudar a remediar episódios.

Os alunos devem criar regras de convivência e discuti-las com a equipe escolar, em busca de soluções, respeitando as diferenças de cada um e evitando episódios de constrangimento entre os pares. A equipe escolar deve estar atenta e se identificar vítimas ou agressores deve chamar os pais e orientá-los a colocar limites claros de convivência, e sempre que souberem de algum problema comunicar a escola e em casa devem manter a calma, não agredir e sim recomendar atitudes de empatia e consideração aos colegas (NOGUEIRA, 2003).

Assim, é essencial que haja diálogo entre pais e filhos, demonstração de afeto, perdão, orientação a respeito do efeito de condutas inadequadas, atenção as suas necessidades e as experiências escolares relatadas. A substituição do diálogo familiar pela televisão, computadores, jogos e Internet prejudica o amadurecimento de muitos jovens e crianças, que recebem muitas informações, mas não sabem o que fazer com elas. Cabe a escola buscar parceria com os pais tratando dos diversos aspectos da vida do escolar, promovendo um ambiente de respeito, consideração, trocas e aprendizagem.

## MÉTODO

A presente pesquisa teve como objetivo verificar como ocorrem os episódios de *bullying* escolar sob a ótica de professores e alunos e foi realizada em duas escolas de Ensino Fundamental, Ciclo I, da rede pública e privada, localizadas no município de Bauru, estado de São Paulo. Participaram do estudo 23 professores (20 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) das séries iniciais do Ensino Fundamental, sendo 13 da rede pública estadual e 10 de escola particular e 44 alunos (26 do sexo feminino e 18 do sexo masculino) de 4ª série (5º ano), sendo 24 da escola particular e 20 da escola pública.

A coleta dos dados foi realizada mediante a aplicação de um questionário semiestruturado direcionado aos professores, a fim de obter informações sobre *bullying* escolar. O instrumento contou com



12 questões fechadas e 1 questão aberta relacionada ao *bullying*. Aos alunos, foi aplicado um questionário semiestruturado semelhante ao dos professores, contendo 12 questões fechadas e 1 questão aberta. Uma questão diferenciou os dois questionários, para os alunos foi perguntado se eles haviam sofrido *bullying* e para os professores não houve essa pergunta.

Os resultados foram analisados quantitativamente, mediante categorização das respostas, na qual se destacou o maior número de respostas em cada questão, isto é, a Moda (medida estatística de tendência central) descrita por Reis e Reis (2002).

### APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A primeira pergunta comum entre os questionários referia-se ao conhecimento que alunos e professores tinham sobre o *bullying*. Os resultados apontaram que a maioria dos professores da escola pública já ouviu falar no *bullying*, isto é, 67%, contra 33% que não sabia sobre o assunto. Na escola particular, 100% dos professores respondeu que havia ouvido falar no *bullying*. Entre os alunos da escola pública, 82% dos alunos já ouviu falar sobre o assunto e 18% nunca havia ouvido falar sobre o *bullying*; já na escola particular, 90% já ouviram falar e 10% não.

Uma pergunta bem interessante feita aos alunos era se eles já haviam sofrido *bullying*. A maioria dos alunos da escola pública já sofreu, 78%, outros 22% nunca sofreu *bullying*. Na escola particular, 95% dos alunos responderam ter sofrido *bullying* e somente 5% não sofreu.

O resultado dessa pergunta surpreende, pois há um estigma que somente na escola pública acontecem episódios de violência física e verbal e nesta pesquisa verificou-se o contrário. Tais dados superaram os da pesquisa de Olweus (2006) que afirmou que na população estudada, 1 a cada 7 alunos se envolveu em episódios de *bullying*. No mesmo sentido, se diferem da pesquisa de Liang, Flisher e Lombard (2007), o quais constataram que cerca de 36% dos alunos envolveram em caso de *bullying*, seja no papel de vítima ou de agressor. A hipótese para esse resultado é que alguns alunos podem ter confundido o conceito *bullying* com episódios isolados, o que não configura o fenômeno.

As informações contidas na Tabela 1 (próxima página), oferecem dados sobre *bullying* mediante as respostas de professores e alunos. A ordem original das questões foi reelaborada afim de oferecer

melhor visualização dos resultados. Dessa forma, as respostas dos professores e alunos foram resumidas.

Tabela 1. Síntese das respostas dos professores e alunos sobre bullying

PERGUNTA	RESPOSTA	PROFESSOR		ALUNO		MODA
		A	B	A	B	
Quais foram as condutas mais incidentes na sua escola?	Maus tratos verbais e psicológicos	12	06	8	16	42
	Maus tratos físicos	01	02	8	05	
	Exclusão do grupo	01	01	6	01	
	Não soube informar	01	04	3	0	
Quantas vezes isso acontece?	Todos os dias	11	01	15	20	47
	2 vezes	02	02	03	0	
	1 vez	0	03	05	0	
	Nunca	01	04	01	0	
Quem mais se envolve no bullying?	Grupos mistos	06	04	02	01	32
	Generalizado	04	0	03	0	
	Meninos em grupo	03	05	07	17	
	Meninas em grupo	0	01	03	01	
	Menina individual	0	10	02	0	
	Menino individual	0	02	06	0	
A que fatores você atribuiu a agressão	Falta de estrutura familiar	09	05	03	02	26
	Influência do meio	08	03	03	01	
	Nível socioeconômico	03	01	04	02	
	Agressores já foram agredidos	03	02	11	10	
	Disfunções neurológicas	0	0	03	0	
Dos envolvidos em caso de bullying quais seriam a maioria?	Vítimas-agressoras	09	05	05	16	35
	Agressores	01	03	03	02	
	Vítimas	02	01	10	08	
	Não soube responder	01	01	06	03	
Onde a violência ocorre?	Pátio	11	04	02	17	34
	Sala de aula	06	02	01	03	
	Corredor	04	01	01	01	
	Banheiro	02	0	01	0	
	Outros	06	04	07	0	
Em relação aos alunos que sofrem agressões, marcar os de maiores incidências	Apelidos que incomodam	14	15	14	15	58
	Acusações	11	07	11	07	
	Brincadeiras que causam aborrecimento	10	10	10	10	
	Gozações	10	11	10	11	
Local em que se encontram os agressores	Outras classes	06	02	21	02	31
	Mesma classe	03	07	03	18	
	Na mesma e em outras	03	01	0	0	
	Não soube responder	02	0	0	0	

(Continua)

Quanto ao aspecto físico dos agressores	Mesma idade e mais forte	08	07	05	01	
	Mais velho e mais forte	07	05	10	0	
	Mais fraco	0	05	10	01	
	Mais novo	0	0	09	18	27
Quais seriam as emoções provocadas nas vítimas?	Chateadas	07	05	03	10	
	Humilhadas	02	06	20	09	37
	Sem ter como impedir	0	01	0	0	
	Não conta para ninguém	0	01	0	0	
Em relação as atitudes de quem presencia os maus-tratos?	Desesperados	0	0	0	01	
	Alguém interfere	09	08	04	15	36
	Riem das gozações	01	02	06	04	
Relate um caso de bullying do qual você já presenciou (questão aberta)	Não fazem nada	03	01	14	01	
	Gozações/Apelidos	03	04	06	09	22
	Agressão física	0	03	03	03	
	Tomar lanche	01	0	0	0	
	Discriminação (racial, física, sexual)	05	0	03	03	
	Ameaças	01	0	0	0	
	Ofensas	02	0	0	0	
	Prefiro não relatar	03	0	0	0	
	Aconteceu com outros	-	-	04	02	
	Maus-tratos	-	-	01	01	
Eu bati e xinguei	-	-	0	02		
Briga	-	-	0	01		
Não especificado	-	-	0	02		

Fonte: Pesquisa de campo

As respostas eram de múltipla escolha e os participantes puderam assinalar mais de uma resposta, fato que gerou diferença da quantidade de respostas em cada pergunta. Utilizou-se para escola pública a letra A e particular a letra B, tanto para seus professores, quanto para alunos.

A partir da análise dos dados obtidos pelos questionários, observou-se que a maioria dos docentes e alunos já ouviu falar sobre *bullying*, dado que coincide com estudos de Campos e Jorge (2010), onde os autores realizaram entrevistas com professores e os resultados apontaram que a maioria deles já ouviu falar em *bullying*.

As condutas que têm maior incidência nas escolas participantes deste estudo são os maus tratos verbais e psicológicos, com 42 apontamentos, o que corresponde a 56% das respostas. A esse respeito, Silva (2010) explica as diferenças entre os tipos de *bullying* (físico, verbal, psicológico, material, sexual e virtual) e ressalta que todos afetam a integridade moral do sujeito, assim, percebe-se que

é importante saber se o *bullying* ocorre ou não para oferecer apoio aos escolares, evitando conflitos e atitudes preconceituosas.

Tanto professores como alunos responderam que os episódios de *bullying* acontecem todos os dias, isto é, 47 pessoas ou 69,1%, que configura o *bullying*, pois Pereira (2002) salienta que três características são básicas para diferenciar o *bullying* de outros tipos de violência: o mal causado não resulta de provocações; as intimidações são regulares, os agressores em geral são mais fortes e violentos e as vítimas não estão preparadas para se defender.

Quando a pergunta foi direcionada a quem mais se envolve em episódios, 32 (41,5%) participantes responderam que são meninos em grupo. A esse respeito, Esperon (2004) demonstrou que na população por ele estudada o total de envolvidos em *bullying* foi de 65%, sendo a maioria menino e que o *bullying* ativo, mais frequente entre os meninos (20%) do que entre as meninas (11,3%).

Quanto aos fatores nos quais alunos e professores atribuem atos de agressão, 26 participantes (35,6%) responderam que os agressores revidam porque já foram agredidos. Embora a falta de estrutura familiar e a influência do meio não tenham resultado a maior incidência, o número de citações é relevante. Acerca deste assunto, Freire e Aires (2012), ressaltam que as intervenções ao *bullying* devem levar em consideração as dimensões sociais, educacionais, familiares e individuais, pois dependem do contexto em que as pessoas estão inseridas para serem efetivas ou não.

Dentre os papéis dos atores do *bullying*, 35 (46%) respostas apontaram que a maioria dos envolvidos refere-se à vítima-agressora, pois de acordo com os participantes da pesquisa, estes já foram agredidos e por isso revidam.

Resultados da pesquisa de Lopes Neto (2005) remetem a sala de aula sendo o local de maior incidência dos casos de *bullying*, já nos estudos de Silva (2006) e de Munarin (2007) houve empate entre sala de aula e recreio/pátio, na presente pesquisa o local mais apontado onde ocorrem os episódios foi o pátio (46,5%), provavelmente por ter menos supervisão de um adulto, isto é professor, inspetor de alunos, etc.

O tipo de agressão que acontece com maior frequência são os apelidos, pois dentre as opções, 58 (32,9%) respostas remetiam a esse item. Resultado semelhante ao de Silva (2015) que demonstrou que tanto meninos quanto meninas sofrem mais *bullying* verbal, que parecem "brincadeiras", mas que de acordo com Santos (2009) e

Fante (2011) podem causar muito sofrimento às vítimas.

Acerca do aspecto físico do agressor, embora Patterson et al. (2002); Lopes Neto e Saavedra (2004); Fante (2011) descrevam-no como sendo geralmente mais velho, mais forte, da mesma sala ou de outra sala, dados desta pesquisa apontaram que a maioria dos agressores é mais novo, pois 22 (32,9%) participantes assinalaram o perfil de agressor como sendo mais novo que a vítima. Esses agressores estão 45,5% na mesma classe da vítima e 45,5% em outras classes.

De acordo com as respostas dadas por professores e alunos, 36 (52,9%) disseram que quando ocorre um episódio de *bullying* alguém interfere, porém, 19 (27,9%) responderam que ninguém faz nada, resultado que se assemelha com a pesquisa de Bandeira e Hutz (2012) realizada com 465 alunos de 4<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental, na qual foi constatado que 37,8% das testemunhas de *bullying* não fizeram nada ao presenciar episódios de *bullying*.

Na última questão, que foi aberta, foi pedido a professores e alunos que relatassem algum caso de *bullying* que haviam presenciado. Os diversos tipos de agressão que foram citadas se encontram a seguir em ordem decrescente: 22(35,4%) participantes relataram ter presenciado episódios envolvendo gozações/apelidos; 11(17,7%) citaram discriminações devido à aparência física, preferência sexual ou raça da vítima; 9(14,5%) mencionaram agressão física, 6(9,6%) participantes responderam que viram casos acontecer com outras pessoas; 3(4,8) sujeitos preferiram não relatar sobre os casos que já presenciaram. Os itens: ofensas; maus-tratos; eu bati e xinguei e não especificado foram citadas por 2(3,2%) pessoas cada. Não menos importante, porém citados por 1(1,6%) pessoa, surgiu: tomar lanche; ameaças e briga.

Os resultados ora apresentados confirmam que o *bullying* é um fenômeno que ocorre em ambas as escolas, é conhecido pelos professores e que as vítimas, isto é, os alunos sentem-se humilhados, assim, devido sua gravidade e frequência, merece atenção especial não apenas da escola, como da sociedade em geral, na tentativa de combatê-lo em todas as suas manifestações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, professores e alunos apresentaram respostas referentes à sua experiência com o fenômeno *bullying*, demonstrando

que ele se encontra presente nas escolas, tanto no pátio quanto em sala de aula. Neste sentido, o papel do professor é de fundamental importância para que exista um clima escolar de respeito e paz, fazendo com que os alunos entendam a importância de se respeitar a todos, de dialogar ao invés de utilizar práticas agressivas. Se na sala de aula os alunos não estiverem em harmonia com o ambiente, o processo educativo dos alunos sofrerá consequências.

Com esta pesquisa pôde-se observar que alunos e os professores sabem o que é *bullying*, mas não foi possível aferir se possuem um conhecimento aprofundado dos males que esta prática pode gerar aos alunos envolvidos, tanto no âmbito emocional, psicológico quanto na aprendizagem.

Sabe-se que a falta de diálogo entre professor e aluno, e mesmo entre os pais com as crianças, a falta de comunicação e envolvimento entre a escola e os pais, podem dificultar a resolução desses problemas. Não há como culpar um ou outro pelos acontecimentos, contudo, para se prevenir a ocorrência de *bullying*, é necessário um trabalho coletivo por parte da escola com os pais, comunidade e alunos, pois *obullying* nada mais é do que o desrespeito ao próximo, a não aceitação das diferenças, tanto físicas, quanto sociais, religiosas, enfim, as diferenças existentes de um ser humano para outro.

Perceber e monitorar as habilidades ou possíveis dificuldades que possam ter os jovens em seu convívio social com os colegas passam a ser atitudes obrigatórias daqueles que assumiram a responsabilidade pela educação, saúde e segurança de seus alunos, pacientes e filhos. Os alunos devem criar regras de convivência e discuti-las com a equipe pedagógica, buscando soluções e respeitando as diferenças de cada um. Os pais devem ser ouvidos e orientados a colocar limites claros de convivência, e ajudar sempre que souberem de algum problema sem aumentar ou diminuir a informação recebida.

Por meio da divulgação dos dados desta pesquisa, busca-se contribuir para a ampliação e a reflexão sobre a importância de um olhar mais atento diante das práticas de *bullying* e suas consequências, bem como repensar posturas que possam auxiliar no combate ao fenômeno e desenvolver o espírito da paz na escola.

## REFERÊNCIAS

BALDRY, A. C.; FARRINGTON, D. P. Bullies e delinquentes: Características pessoais e estilos parentais. Tradução: Cristina Maria Coimbra Vieira. Revista

## *O Bullying... - Fernanda Maekava, Michela de Andrade e Vera Capellini*

Portuguesa de Pedagogia: comportamento anti-social e educação. Coimbra, v. 34, n.1/3, p. 195-221, 2000.

BANDEIRA, C.M.; HUTZ, C.S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. v.16, nº 1, Janeiro/Junho. p. 35-44. São Paulo: 2012.

BINSFELD, A. R.; LISBOA, C. S. M. Bullying: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. Interpresona. 4 (1), 74-105, 2010.

CALHAU, L.B. Bullying: O que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. 2ª ed. Niterói, RJ: Impetus, 2010.

CAMPOS, H. R.; JORGE, S. D. C. Violência na escola; uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. Em Aberto, 23(83), 107-128, 2010.

ESPERON, P.S.M. bullying - Comportamento agressivo entre colegas no ambiente escolar. Pediatria Moderna, v. XL, n.2, p.69-76, abril-mar, 2004.

FANTE, C. Fenômeno Bullying. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 6ª ed. Campinas: Verus, 2011.

FISHER, R.M. (coord). Bullying Escolar no Brasil - Relatório Final. São Paulo: CEATS/FIA, 2010. Disponível em: <<http://www.promenino.org.br/portals/0/pesquisabullying.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

FREIRE, A.N.; AIRES, J.S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. v.16, nº 1, Janeiro/Junho. p. 35-44. São Paulo: 2012.

LIANG, H., FLISHER, A. J., LOMBARD, C. J. Bullying, violence and risk behavior in South African school students. Child Abuse & Neglect, v. 31, p. 161-171, 2007.

LOPES NETO, A. Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria. v. 81, nº 5. p. 164-172, Rio de Janeiro: SBP, 2005.

LOPES NETO, A; SAAVEDRA, L. H. (2004). Diga não para o bullying – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA.

MARTINS, M. J. D. Mau-tratos entre adolescents na escola. Lisboa: Editorial, 2009.

MELIM, M.; PEREIRA, B. Bullying, Gênero e Idade. In P. SILVA S. SOUZA, I. NETO (Eds.). O desenvolvimento humano: perspectivas para o século XXI – Memória, Lazer e Atuação Profissional. Volume 1 (292-316). São Luís: EDUFMA, 2013.

MUNARIN, J. C. A escola como espaço de convivência: a prevenção e a redução do bullying escolar. 2007. 179 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2007.

NANSEL, T.R.; CRAIG, W.; OVERPECK, M.D.; SALUDA, G.; RUAN, J. Cross-

## O Bullying... - *Fernanda Maekava, Michela de Andrade e Vera Capellini*

national consistency in the relationship between bullying behaviors and psychosocial adjustment. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 156, 730-6, 2004.

NOGUEIRA, R. M. C. D. P. A. Escola e Violência: análise de Dissertações e Teses sobre o tema produzidas na área de Educação, no período de 1990 a 2000 – Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

OLWEUS, D. Conductas de acoso y amenaza entre escolares. 3. ed. Madrid: Ediciones Morata, 2006.

PATTERSON, G. et al. trad LIMA, A.; ROCHA, G.V.M. Antisocial boys – Comportamento anti-social. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002.

PEREIRA, B.O. Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e Tecnologia: Lisboa, 2002.

REIS, E. A.; REIS, I. A. Análise descritiva de dados – Síntese numérica. Instituto de Ciências Exatas. Departamento de Estatística. Universidade Federal de Minas Gerais. 1º ed. 2002. Disponível em: <ftp://ftp.est.ufmg.br/pub/rts/rte0202.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2016.

SAÚDE, A. C. Bullying e Bem-estar Psicológico em alunos dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Secundário. 2011. 146 p. Dissertação (Mestrado de Psicologia da Educação). Faculdade de Psicologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. 2011.

SANTOS, A.P.T. A presença do bullying na mídia cinematográfica como contribuição para a educação. 2009. 107 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Mídia e Cultura). Faculdade de Comunicação e Educação. Universidade de Marília, Marília. 2009.

SILVA, A. B. B. Bullying: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, F. O fenômeno bullying em escolares do Ensino Fundamental. 2015. 74 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem). Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru. 2015.

SILVA, T. N. Bullying: só quem vive sabe traduzir. 2006. 131 p. Monografia (Graduação em Assistência Social). Escola de Serviço Social. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas. 2006.

**Submetido em Agosto 2016**

**Aceito em Novembro 2016**

**Publicado em Abril 2017**